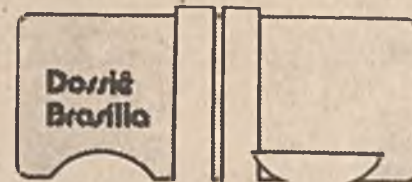


# DOSSIÊ BRASÍLIA

Uma análise da cidade planejada e dos aspectos sócio-econômicos do DF



Paulo Bertran — economista e historiador  
Aracy Berocan — arquiteta

## Brasília: a cidade das cidades

As cidades-satélites de Brasília, que teoricamente deveriam surgir depois que o Plano Piloto estivesse todo ocupado, apareceram antes mesmo e durante a construção e a ocupação da cidade-capital.

Transformadas algumas em "cidades-dormitório", as satélites de Brasília deveriam ter sido verdadeiros centros, se não auto-suficientes, pelo menos articulados ao tecido urbano e a um contexto econômico maior, de forma a participarem como células vivas de um organismo, em harmônico funcionamento.

Seriam centros de produção e de comercialização, todos providos de equipamentos urbanos e instalações necessários e, que ofereceriam a sua população não só o lugar de habitar, mas o de trabalhar, de descansar e de circular (como ditava a Carta de Atenas). Deveria haver uma distribuição espacial dos estabelecimentos de produção e de comercialização entre as satélites, de forma a assegurar um complexo de atividades econômicas dentro de cada centro, e estes, em conjunto, deveriam conseguir atender bem o mercado formado pela crescente metrópole.

No entanto a realidade aconteceu diversamente, de forma altamente estratificada. As cidades-satélites acabaram por "mal" atender somente a questão habitacional para a população de renda abaixo de 5 salários mínimos. Não existe, em muitos destes locais, o necessário desenvolvimento dos equipamentos urbanos. Há também a estratificação das próprias satélites, onde Taguatinga, Núcleo Bandeirante, Guará e Cruzeiro se sobressaem por abrigar a população de renda, pouco mais alta.

Em geral o nascimento das

cidades-satélites de Brasília aconteceu para responder à demanda real de habitações da população de baixa renda. Não pela saturação do Plano Piloto, que ainda hoje mantém grandes áreas desocupadas, principalmente na Asa Norte e um bom número de lotes vazios, nos setores de mansões. O próprio GDF incentivou esta expansão dispersa e periférica, promovendo, através de seus diversos programas de erradicação de invasões, o prematuro surgimento e ocupação das cidades-satélites.

Pela época de seu nascimento e mesmo pela própria razão de sua ocupação, pode-se dividir as cidades-satélites de Brasília em 3 grupos:

— Os pré-existentes — Planaltina e Brazlândia, são as cidades anteriores à construção de Brasília e que se transformaram em cidades-satélites.

— Os suportes — Núcleo Bandeirante, Taguatinga e os acampamentos ainda existentes, são as cidades que surgiram na época da construção de Brasília e que serviram como verdadeiros acampamentos aos primeiros candangos.

— Os excedentes — Sobradinho, Gama, Guará, Ceilândia e Paranoá, são as cidades que alocaram a população de baixa renda não absorvida pelo Plano Piloto.

E importante anexarmos também um outro grupo:

— Os excessos — Novo Gama, Pedregal, Valparaíso, Cidade Ocidental, Santo Antônio do Descoberto e Brasília, cidades que estão localizadas fora do DF, mas imediatamente após sua divisa. Ai está fixada uma população de renda ainda mais baixa e que vive inteiramente dependente de Brasília.



No antigo suporte pioneiro a cidade concluída do Núcleo Bandeirante

### As rendas da paisagem

A concentração de rendas no DF constitui um dado que constrói sua própria paisagem. Em 1980/81, segundo a Codeplan, 24,9% das famílias residentes no DF detinham apenas 5,1% da renda global, enquanto os 8,6% composto das famílias abastadas abis-coitavam 33,8% da mesma. Nas classes mais pobres a renda mensal gira em torno de 1,4 salários mínimos por família de 5 membros, enquanto as mais altas frequentam as esferas dos 40 salários mínimos mensais, por famílias de 4 membros.

Desdobrado, no espaço territorial do DF, esse sistema distributivo de rendas segmenta e se hierarquiza conforme se passa de um tipo de cidade-satélite para outro.

Assim, em Ceilândia, Gama, Sobradinho, Planaltina e Brazlândia (e podem-se incluir aqui os núcleos mais próximos do Entorno), caracterizam-se localidades

onde a renda é baixa e relativamente pouco diferenciada, entre um e no máximo dez salários mínimos por famílias.

Já os núcleos bem sedimentados e estruturados, como Taguatinga, Guará e Núcleo Bandeirante, temos populações onde a renda familiar é média, com tendência porém a oscilar mais do que nas satélites pobres, isto é, frequentando um espectro de rendas que vai de dez a vinte e cinco salários mínimos por família.

E nessa progressão sobre o espaço físico, econômico e ao mesmo tempo social, a pirâmide é coroada pelo Plano Piloto com sua renda familiar de vinte e cinco salários mínimos ou mais.

O conjunto todo porém, se comparado a outras regiões do País, atinge as alturas de 9,7 salários-mínimos por família, enquanto essa média é de 2,6 no nordeste, 3,7 no norte, 6,2 no sudeste e 4,8 no sul, centro-oeste e na própria média da renda familiar brasileira.

### Um teorema nas urnas

Cidade-satélite, eis uma força de expressão que acaba povoando todas as análises sobre Brasília e o Distrito Federal. A expressão consagrada devia porém ser revista. Se do ponto de vista espacial a nucleação ou satelitização desses bairros em torno do Plano Piloto é um fato concreto, do ponto de vista sócio-econômico, sua formação, sua evolução, o destino previsível em termos de tecido social e econômico são objetos de análise para reflexões mais maduras do que as que geralmente se esboçam.

As eleições de 1986, aliás, é que se encarregarão de fazer a primeira cultura desses tecidos sociais, encarregando-se de demonstrar, como a um teorema, as distâncias sociológicas que existem entre uma Taguatinga e uma Sobradinho, por exemplo.

E pena que não se disponha de instrumentos, mais sofisticados para medir a conformação desses espaços ilusoriamente homogêneos e que se mostram cada vez mais personalísticos em suas funções internas e externas.

O tempo de existência, as características de formação e mais uma meia dúzia de indicadores serviriam porém para demonstrar a natureza heterogênea dessas localidades, que sendo bairros de Brasília não se confundem com ela e que estando no Distrito Federal mais se assemelham, em termos de estruturação, às cidadezinhas do interior de Goiás e de Minas. Um Distrito Federal que no contexto do país, através de seus bairros satélites, é muito centro-Oeste, inconcluso e mal-fixado como todas as outras estruturas urbanas do centro-oeste.

De fato, se Brasília foi um ato de coragem de mudança, do desejo de história do país levado aos últimos extremos, o mesmo não se passou com a pasmeira de seu território ou de sua região.

Se a experiência urbanística de Brasília é a mais importante do século, o mesmo não se deu quanto às suas funções econômicas, sociais e regionais, pouco trabalhadas, pouco explicitadas, atropeladas pelas contradições ditadas pelo avanço do capitalismo no centro do país.

Resumo desse processo maior é a existência e o processo de fixação dessas "cidades-satélites", que derivam esse nome da própria ótica equivocada, primeiro, de se considerar Brasília, (por ser urbanisticamente planejada) como uma excessão Superlativa ao processo histórico brasileiro. Depois por sua não-aceitação, seja integrando como bairros a malha da segunda cidade (Plano Piloto) mais populosa do centro-Oeste (a primeira é Goiânia), seja por exporem (até com pouca ênfase, convenhamos) a verdade do país, das pessoas que aqui vivem.

Se revertermos assim essa ótica, Brasília e o Distrito Federal nada mais são em realidade do que um mosaico, um mosaico truído daquilo que é a média do

viver brasileiro e deste ponto de vista deve orgulhar-se profundamente de em tão pouco tempo espelhar com fidedignidade todo o país, por causa justamente de seus bairros.

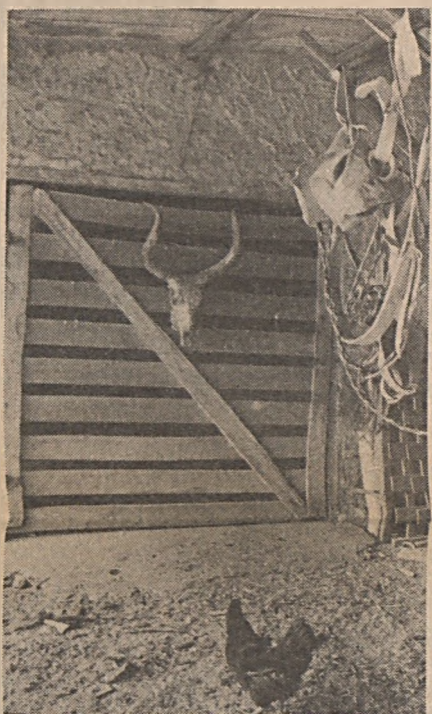
E há bairros para todos os gostos e para cada tese de estrado que se queira fazer.

Assim, Brazlândia e Planaltina tem suas raízes, a primeira e princípios deste século, a última provavelmente em fins do século XVIII, quando todo o território do DF já se partia em fazendas de gado legalmente constituídas. Eram elas até pouco tempo atrás (quando se lhes adicionaram, via Terracap, novos setores populacionais), lugares eminentemente rurais, "A Rua de Comercio" que servia à intermediação da produção rural, de que Brazlândia ainda conserva grande parte das características, enquanto já Planaltina foi muito convulcionada.

Já o Núcleo Bandeirante e Taguatinga, montados peça a peça em seus primórdios como núcleos de apoio à construção de Brasília, são duas localidades bem sedimentadas do ponto de vista endógeno sócio-econômico. O Núcleo Bandeirante trouxe do passado uma estrutura de estabelecimentos comerciais e industriais, que, (guardadas as grandezas populacionais) é o dobro do Plano Piloto em termos quantitativos. Um bairro quase perfeitamente integrado, com mecanismos de auto sustentação e de complementariedade com Brasília ajustados, a caminho de suster-se em determinadas órbitas de emprego e renda. Um exemplo para o Cruzeiro e o Guará, que mais novos, não conseguiram montar ainda esse microcosmo.

Seguindo o mesmo caminho, mas com densidade e grandeza específicos, Taguatinga, esta sim, talvez se assemelhe mais a uma cidade do que a um bairro. Uma cidade que apoia o complexo inorgânico da Ceilândia que é sua extensão sócio-econômica mal planejada e alocada. Se, (por uma hipótese apenas graciosa), Taguatinga fosse reincorporada ao Estado de Goiás, com novos espaços de drenagem econômica a ela afeitos, rapidamente estaria entre as três ou quatro mais importantes cidades do estado visinho.

Finalmente, antes de sairmos dessas utopias do urbano possível do D. F., vale citar Sobradinho como um bairro com boas esperanças de regulamento funcional ao longo do tempo, desde que não a sufocuem com novos contingentes habitacionais. Em termos do viver sócio-econômico encontra-se ainda num meio termo entre Taguatinga e localidades menos resolvidas, como o Guará e o Gama. Sem falar-se é claro na selvageria da Ceilândia e dos bairros do entorno, que como o nome indica, é onde entorna o caldo. Assuntos porém para outros Dossiê Brasília, nos próximos domingos.



Planaltina e Brazlândia — no antigo e no rural o pré-existente ao DF

### O viver da esfinge

Que critérios serviriam para medir um habitat humano, já que tudo o que conhecemos é o humano-centrismo e só nos lembramos do conceito maior de ecologia quando esta ameaça nos destruir? As mesmas dúvidas surgem quando se pergunta o que é uma cidade, uma vila, um bairro, um quarteirão, uma casa.

Muito pragmaticamente, no que

respeita às chamadas cidades-satélites de Brasília, muitas das quais nada mais são do que bairros distantes do centro, (centro este que não precisa nem deve ser necessariamente vital ao funcionamento dos bairros), os adensamentos populacionais do Distrito Federal podem ser medidos pelo seguinte quadro:

LOCALIDADES	POPULAÇÃO (1000 pessoas)	Nº de pessoas atendidas por cada estabelecimento de serviço	Impostos pagos ao GDF por pessoa. (Cr\$ 1.000 de 1981)
Plano Piloto	288	40	36
N. Bandeirante	18	20	8
Guará	90	89	0,2
Gama	150	75	1
Taguatinga	202	36	6
Brazlândia	20	46	0,7
Sobradinho	66	57	3
Planaltina	42	58	0,7
Ceilândia	305	163	0,07

Esses valor 3, (calculados com base no Anu rio — 1985 da Codeplan) foram a, edondados tanto para maior cl eza quanto pela heterogeneidade das muitas fontes em que se baseiam. O que querem dizer, a grosso modo?

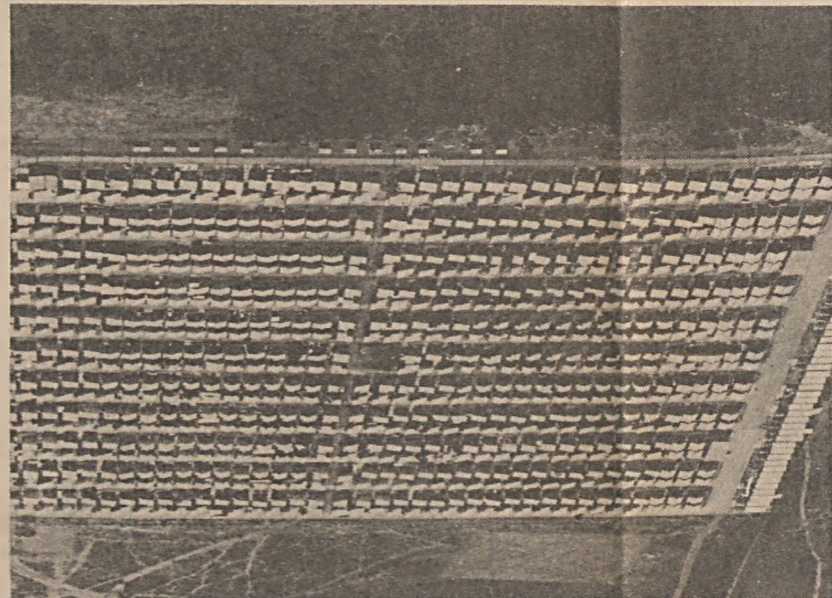
1) Que os impostos pagos pelos cidadãos do Plano Piloto ao GDF são exatamente o dobro dos impostos pagos por todos os outros bairros somados. E a chamada equidade social, o preço pago pela ilha da fantasia, onde se ganha do triplo ao quádruplo dos outros bairros.

2) Que o Núcleo Bandeirante e Taguatinga, embora seus cidadãos sejam razoáveis contribuidores de impostos, dispõem ambos de uma estrutura básica de empresas comerciais, industriais, de serviço,

etc... que atendem e empregam seus cidadãos com mais dedicação que aos do Plano Piloto (20 e 36 pessoas por estabelecimento nos dois primeiros contra 40 no Plano). Tudo isso, relativamente às populações e referindo-se a menores níveis de renda.

3) Que Brazlândia, Sobradinho e Planaltina tendem a se aproximar das estruturas de vida própria de que desfrutam o Núcleo Bandeirante, Taguatinga e o Plano Piloto, embora, (com leve excessão para Sobradinho), muito pouco contribuam ainda em termos de impostos para sua auto-sustentação.

São os enigmas de Brasília. A esfinge singular que dá respostas antes que se lembre exatamente o que perguntar.



O transbordamento urbano no Novo Gama



Ceilândia: a população excedente e a urbanização possível